

## **A FRONTEIRA BRASILEIRA E O PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRORIZAÇÃO DE POVOS TRADICIONAIS: Aldeia Cinta Vermelha Jundiba, Araçuaí - MG**

Marcos Vinícius Pacheco Pereira<sup>1</sup>

Há uma ideia de que as sociedades latino-americanas continuam a vivenciar o estágio de Fronteira, onde segundo Martins (2009) a partir da observação feita por Alistair Hennessy, elas se encontram atualmente num estado em que as relações sociais e políticas, de certa maneira, definem um movimento pela expansão demográfica sobre terras “não ocupadas” ou “insuficientemente” ocupadas. Vale ressaltar que no presente trabalho as análises estão diretamente ligadas ao papel do capitalismo sobre o território, e conseqüentemente, a relação das forças dominantes sobre o espaço. No caso do Brasil, ainda temos uma ligação com o passado, onde não só as forças conservadoras possuem poder de decisão sobre a sociedade, mas também os latifundiários ou proprietários de grandes porções de terras, dada a concentração de terras apropriadas pelo sistema capitalista nos moldes brasileiros. Ainda para Martins (2009), a fronteira aparece como palco de conflitos de diferentes interesses sociais, sendo essencialmente o lugar da alteridade, fazendo dela uma realidade singular. À primeira vista ela é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os ditos civilizados do outro esses conflitos fazem com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e ao mesmo tempo de desencontro. Esse desencontro na análise de Martins, além das distintas concepções de vida e visão de mundo desses grupos humanos, é também de diversas temporalidades históricas, devido a diversidade tempo-história tanto dos índios, os quais serão narrados neste trabalho (dentre as diversas comunidades tradicionais, camponeses, arrendatários, entre outros), quanto dos “civilizados”. São trajetórias distintas que trazem o estranhamento da concepção de vida do outro, acarretando aí um conflito. Com isso, este trabalho tem por objetivo trazer questões relacionadas ao conceito de fronteira no Brasil e seus conflitos permeados pelas frentes de expansão e frentes pioneiras, existentes por conta do desenvolvimento da sociedade

---

<sup>1</sup> Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) - pachecomarcosv@gmail.com

capitalista, como também apresentar o caso da Aldeia Cinta Vermelha localizada em Araçuaí – MG, escolhida para a narrativa. Sob esta perspectiva, indígenas e proprietários de grandes terras são protagonistas desses conflitos de interesse por território na fronteira brasileira, marcada pela desterritorialização e reterritorialização de povos tradicionais forçados pela expropriação de suas terras. Utilizou-se como metodologia revisão bibliográfica de autores que debatem problemáticas relacionadas ao tema, além do relato sobre a construção da Aldeia Cinta Vermelha através da análise de dados e de estudos que relatam o histórico dos povos Pankararu e Pataxó. A base teórica deu-se por busca dos principais autores que investigam a Fronteira brasileira e suas implicações, como José de Souza Martins, que serviu-se das contribuições de geógrafos e antropólogos que procuraram observar em seus estudos como se dão tais conflitos na realidade brasileira contemporânea. No desenvolvimento do trabalho são discutidas também a frente econômica e a Frente demográfica, que por sua vez estão ligadas às frentes pioneira e de expansão, respectivamente, vistas por Martins e demais autores como modo de compreender os desencontros ideológicos das diferentes racionalidades. A segunda parte do trabalho traz o caso dos remanescentes dos povos Pankararu e Pataxó, os quais migraram de seus territórios ancestrais na década de 80 na tentativa de criar uma nova aldeia como forma de resistência aos violentos ataques sofridos por interesses dos proprietários de grandes terras. De acordo com Geralda Chaves Soares (2012), em 12 de junho de 1984, cinco famílias Pankararú e Pataxó depois de longa trajetória de migração de Pernambuco e Bahia para Minas Gerais, decidiram iniciar o projeto de instalação de uma Aldeia no Vale do Jequitinhonha, Nordeste de Minas Gerais. Essas famílias percorreram um longo caminho na procura de uma autonomia, frente às forças dominantes, fazendeiros, e latifundiários que fizeram com que chegassem a situação atual. De acordo com um relatório feito pelo Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTA) a Aldeia Cinta Vermelha Jundiba fundada em 2004, possui 68 hectares e é constituída por aproximadamente trinta pessoas de cerca de sete famílias. Os moradores da Aldeia alcançaram algumas conquistas após muita luta, como o reconhecimento de sua identidade indígena e uma professora pataxó na escola local, o que possibilitou aulas em português e na língua do grupo, e posteriormente a criação da escola indígena para uma educação da cultura dos povos. Observa-se que ainda existem constantes invasões e interesses ao território da aldeia, além da crescente escassez das opções de coleta, de caça e de pesca, o que força os índios a dependerem de agricultura de subsistência e da confecção e venda de artesanatos em

Araçuaí, que nem sempre é suficiente, conforme relato da representante do CIMI. Isso nos mostra a vulnerabilidade que esse povo ainda se encontra na tentativa de reterritorializar-se e se tornarem livres e independentes. Os indígenas no Brasil aparecem como alvo de frequentes ataques à sua racionalidade de vida, que não segue a racionalidade dos ditos civilizados impostos pelo sistema conservador, no qual os proprietários de grandes terras estão inseridos. São obrigados a encontrarem uma saída para se manterem, mesmo que para isso se submetam de forma indireta e involuntária a esse sistema. Assim, como considerações finais, o trabalho aponta para a grande diversidade de realidades em conflitos sociais no Brasil, as quais José de Souza Martins dispõe como algo a ser estudado para conceituar os embates da fronteira. Em algumas regiões, como no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, tem sido possível nas últimas décadas observar a passagem das migrações forçadas pelas expulsões violentas da terra. Segundo Martins, quando a pressão se coincide com a falta de alternativa, nasce o conflito, como ocorreu em vários pontos do país. Com isso, a situação de fronteira é um ponto de referência privilegiado para a pesquisa sociológica, pois encerra maior riqueza de possibilidades históricas do que outras situações sociais. Em grande parte pois, mais do que o confronto entre grupos sociais com interesses conflitivos, agrega o conflito entre históricas desencontradas.

### **Referências Bibliográficas**

Mapa dos Conflitos Ambientais no Estado de Minas Gerais. Grupo de estudos em temáticas ambientais. UFMG, 2007. Disponível em: <http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/observatorio-de-conflitos-ambientais/mapa-dos-conflitos-ambientais/> acesso em 05/06/2017

MARTINS, José de Souza [2009]. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. In: \_\_\_\_\_. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. 2. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Contexto, 2009. p. 131-179.

SOARES, Geralda Chaves. Olhando o Passado e Construindo